



## **MACHISMO INVISÍVEL E EXERCÍCIO PROFISSIONAL**

Lycia Rinco Borges Procópio (1); Jarbene de Oliveira Silva Valença (2)

(1)Universidade Federal de Sergipe – [lyciaprocopio@gmail.com](mailto:lyciaprocopio@gmail.com); (2)Universidade Tiradentes – [proffjarbene\\_psicologia@hotmail.com](mailto:proffjarbene_psicologia@hotmail.com)

**RESUMO:** O exercício profissional de forma justa entre os gêneros ainda é um grande desafio na sociedade brasileira. Objetivou-se neste trabalho identificar e analisar crenças, atitudes e comportamentos relacionados a exercício profissional que se enquadrem como “machismo invisível” presentes tanto no gênero masculino como no feminino, bem como sua relação com a faixa etária da população. No total, 183 pessoas de cinco diferentes municípios brasileiros participaram da pesquisa. Os participantes foram divididos em quatro faixas etárias. Os resultados mostraram que apenas 38% das mulheres participantes da pesquisa aceitariam sem nenhum problema que seus maridos trabalhassem como empregado doméstico ou diarista. Entre os homens, 25% demonstraram que aceitariam sem nenhum problema essa atividade profissional. O serviço de babá foi considerado de forma geral como o mais humilhante para ser exercido por um homem, ressaltando-se também que apenas 29% das mulheres aceitariam sem nenhum problema que seus maridos trabalhassem nessa área. Culinária foi a atividade profissional mais aceita para ser exercida pelos próprios homens e por suas esposas, demonstrando que o estereótipo de “profissão de mulher” declinou ao longo dos anos. Estes resultados demonstram a forte existência do sentimento de vergonha pelo exercício de profissões estereotipadas como femininas, tanto pelos homens como pelas esposas, demonstrando que o machismo invisível relacionado ao exercício profissional está presente tanto em homens como em mulheres. A segmentação de profissões classificadas como masculinas ou femininas continua existindo na sociedade brasileira, mesmo no segmento populacional de menor faixa etária.

### **INTRODUÇÃO**

As manifestações mais explícitas do machismo vêm diminuindo gradativamente ao longo do tempo, pois muitas delas foram interpretadas como transgressões aos direitos das mulheres e até mesmo intituladas de desigualdade de gênero, sendo tais comportamentos sujeitos a punições que podem chegar ao âmbito jurídico. Todavia, há inúmeros comportamentos machistas ainda muito presentes na sociedade brasileira, que podem ser caracterizados como discretos, sutis, implícitos, camuflados, ou como brilhantemente denominados por Marina Catañeda (2006) de “machismo invisível”.

As crenças, atitudes e comportamentos que compõe o “machismo invisível” estão presentes no ambiente familiar, no trabalho, nas instituições educacionais e nos espaços públicos e, muitas vezes, não são passíveis de repressão do ponto de vista legal, mas

afetam significativamente a qualidade de vida de inúmeras mulheres.

De acordo com Beltrão e Alves (2009), o hiato de gênero e o déficit educacional das mulheres fizeram parte da realidade brasileira durante mais de 400 anos. Contudo, as mulheres conseguiram eliminar e reverter este hiato durante o século XX. Este triunfo feminino, no entanto, ainda não foi suficiente para reverter o hiato de gênero no mercado de trabalho, no acesso à renda e à propriedade, na representação parlamentar, etc. A vitória no campo educacional ainda não obteve o mesmo sucesso em outras esferas de atividade.

Durante a maior parte da história brasileira existiu uma divisão sexual do trabalho que, de modo geral, impunha às mulheres as atividades domésticas e de reprodução (privadas) e, aos homens, as atividades extra domésticas e produtivas (públicas) (Beltrão e Alves, 2009). Também,



Araújo e Scalon (2005) apontam que ao longo dos anos a formalização do trabalho produtivo passou a ser visto como masculino, enquanto que o trabalho doméstico foi atribuído como de cunho feminino, já que o cuidar é concebido como uma ação natural da mulher.

Essa situação de inferioridade imposta ao gênero feminino, decorrente apenas da maior força física dos homens, foi extrapolada para outras esferas da vida, resultando em limitações do ponto de vista educacional e profissional.

Mesmo nos dias atuais, onde a mulher vai gradativamente ocupando maior espaço no mercado de trabalho, é comum encontrar uma realidade de injustiças em relação ao gênero masculino. Menores salários, menor participação em cargos de alta gestão, menores oportunidades de ascensão profissional (Bruschini, 1994; Galeazzi, 2001). Esse quadro que subestima a capacidade profissional das mulheres intensifica a padronização de profissões em masculinas ou femininas, o que restringe ainda mais as oportunidades de trabalho por parte das mulheres. Segundo Belo et al. (2010), embora essa discriminação seja economicamente real, na maioria das vezes não se admite publicamente que ela exista, podendo-se dizer que se apresenta de maneira sutil, pouco reconhecível à primeira vista, justamente dentro do conceito de “machismo invisível”.

O psicólogo como um profissional que auxilia na compreensão e atenuação das dores e sofrimentos humanos, tem um papel fundamental de se posicionar em consonância com a transdisciplinariedade envolvida no tema do machismo, desvendando as crenças, atitudes e comportamentos incrustados na sociedade brasileira. Desse modo a psicologia pode dar a sua contribuição a fim de sanar essa cegueira coletiva vivida pela sociedade. Arraes (2013) afirma que ser psicólogo não é

estar limitado e reduzido a um campo clínico que apenas enxerga o individual como desligado de representações e fatos sociais, pelo contrário, é compreender que até mesmo na prática clínica – que se dá dentro de uma sala, em completa privacidade – as forças sociais que atuam sobre as pessoas continuam vigentes. É impossível falar de sofrimento sem contextualizá-lo, por isso é relevante compreender que politicamente a clínica não é uma ilha.

Diante deste cenário, objetivou-se neste trabalho identificar e analisar crenças, atitudes e comportamentos relacionados a exercício profissional que se enquadrem como “machismo invisível” presentes tanto no gênero masculino como no feminino. Também, verificar se há relações entre o “machismo invisível” e a faixa etária da população.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa se enquadra dentro dos estudos de gênero, seguindo os preceitos da Psicologia Social, sendo desenvolvida na abordagem quantitativa, envolvendo elementos da pesquisa correlacional. As unidades experimentais foram formadas por tipos de gêneros e por indivíduos pertencentes a diferentes faixas etárias, sendo as variáveis compostas pelas percepções acerca do exercício profissional envolvidos do machismo invisível.

Foram aplicados dois questionários, sendo um destinado a pessoas do gênero masculino e o outro ao feminino, apresentados nas Tabelas 1 e 2, respectivamente. Os questionários constaram de cinco perguntas de múltipla escolha. No total, 183 pessoas (103 mulheres e 80 homens) de cinco diferentes municípios brasileiros (Aracaju-SE, Londrina-PR, Maringá-PR, Rio Verde-GO e São Mateus-ES) responderam o questionário. Os



participantes foram divididos em quatro faixas etárias: 18 a 29 anos; 30 a 39 anos; 40 a 49 anos e 50 a 59 anos.

Após a coleta e tabulação dos dados, os mesmos foram agrupados conforme as classes de avaliação e comparados por meio de instrumentos da pesquisa correlacional.

Tabela 1. Questionário aplicado ao gênero masculino.

1. Você aceitaria trabalhar em uma casa de família como empregado doméstico ou diarista? ( ) nunca; ( ) somente se estivesse desempregado a muito tempo; ( ) talvez; ( ) aceitaria sem nenhum problema
2. Você aceitaria trabalhar em uma casa de família como babá? ( ) nunca; ( ) somente se estivesse desempregado a muito tempo; ( ) talvez; ( ) aceitaria sem nenhum problema
3. Você aceitaria trabalhar em um hotel como camareiro? ( ) nunca; ( ) somente se estivesse desempregado a muito tempo; ( ) talvez; ( ) aceitaria sem nenhum problema
4. Se você necessitasse aprender outra profissão para ingressar ao mercado de trabalho ou para ter uma renda extra, qual(is) dos cursos listados abaixo você aceitaria fazer? ( ) corte e costura; ( ) culinária; ( ) tricô e crochê; ( ) maquiagem; ( ) manicure e pedicure; ( ) todos os listados; ( ) nenhum dos listados
5. Se sua esposa necessitasse aprender outra profissão para ingressar ao mercado de trabalho ou para ter uma renda extra, qual(is) dos cursos listados abaixo você concordaria que ela fizesse? ( ) mecânica de autos; ( ) motorista de ônibus; ( ) segurança patrimonial; ( ) árbitro de futebol; ( ) todos os listados; ( ) nenhum dos listados

Tabela 2. Questionário aplicado ao gênero feminino.

1. Você concordaria que seu marido trabalhasse em uma casa de família como empregado doméstico ou diarista? ( ) nunca; ( ) somente se estivesse desempregado a muito tempo; ( ) talvez; ( ) aceitaria sem nenhum problema
--

2. Você concordaria que seu marido trabalhasse em uma casa de família como babá? ( ) nunca; ( ) somente se estivesse desempregado a muito tempo; ( ) talvez; ( ) aceitaria sem nenhum problema
3. Você concordaria que seu marido trabalhasse em um hotel como camareiro? ( ) nunca; ( ) somente se estivesse desempregado a muito tempo; ( ) talvez; ( ) aceitaria sem nenhum problema
4. Se seu marido necessitasse aprender outra profissão para ingressar ao mercado de trabalho ou para ter uma renda extra, qual(is) dos cursos listados abaixo você concordaria que ele fizesse? ( ) corte e costura; ( ) culinária; ( ) tricô e crochê; ( ) maquiagem; ( ) manicure e pedicure; ( ) todos os listados; ( ) nenhum dos listados
5. Se você necessitasse aprender outra profissão para ingressar ao mercado de trabalho ou para ter uma renda extra, qual(is) dos cursos listados abaixo você aceitaria fazer? ( ) mecânica de autos; ( ) motorista de ônibus; ( ) segurança patrimonial; ( ) árbitro de futebol; ( ) todos os listados; ( ) nenhum dos listados

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aceitação de homens e mulheres em relação ao tipo de trabalho exercido pelo homem (marido) foi verificada nas Questões 1, 2 e 3. Apenas 38% das mulheres participantes da pesquisa “aceitariam sem nenhum problema” que seus maridos trabalhassem como empregado doméstico ou diarista, sendo que 14% destas apontaram que nunca aceitariam tal fato, e 26% aceitariam somente se o marido estivesse desempregado há muito tempo (Questão 1). Entre os homens, 25% demonstraram que aceitariam sem nenhum problema o emprego doméstico fixo ou como diarista, mas apenas 10% disseram que nunca aceitariam exercer tal função, ou seja, essa rejeição drástica foi maior no grupo feminino.

Segundo Silva e Oliven (2010), no Brasil, em 2005, 6,5 milhões de pessoas identificaram-se como trabalhadores domésticos. Desses, 6 milhões eram mulheres, o que corresponde a 93,3% do total



de ocupados, conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

O serviço de babá foi considerado de forma geral como o mais humilhante para ser exercido por um homem (Questão 2). Apenas 29% das mulheres aceitariam sem nenhum problema que seus maridos trabalhassem nessa área, sendo que 22% destas afirmariam que nunca aceitariam que seu companheiro fosse babá. Entre os homens, apenas 20% trabalhariam como babá sem nenhum problema, e 30% destes colocaram que nunca exerceriam essa profissão. Os dados vão de encontro com a afirmação de Coronel (2010), de que no ocidente não se imagina uma babá ou um empregado doméstico homem, um claro exemplo de gênero, ou seja, uma classificação que não tem relação com a biologia. Esse autor questiona por que um homem não poderia cuidar de uma criança, ou cuidar da casa? Qual impeditivo biológico teria um homem para trocar fraldas ou preparar mamadeiras?

Deixar o marido atuar como camareiro de um hotel foi aceito sem nenhum problema por 56% das mulheres que participaram da pesquisa, mesmo assim 10% destas mostraram que nunca concordariam com essa situação (Questão 3). Entre os próprios homens a rejeição foi maior, apenas 29% afirmaram que aceitariam exercer essa atividade sem nenhum problema, mas 18% destes deixaram claro que nunca seriam camareiros em um hotel.

Na Questão 4 continua a abordagem da associação da figura masculina com determinadas atividades profissionais. Cinco cursos profissionais foram apresentados, sendo que entre as mulheres, a concordância do marido em fazer os cursos com vistas ao exercício profissional foi: corte e costura (31%), culinária (88%), tricô e crochê (22%), maquiagem (23%), manicure e pedicure

(19%) e nenhum dos listados (6%). Entre os próprios homens a aceitação em trilhar uma nova profissão foi: corte e costura (5%), culinária (63%), tricô e crochê (5%), maquiagem (5%), manicure e pedicure (5%), nenhum dos listados (30%). A culinária parece ser no momento uma profissão sem gênero definido, ou seja, os homens estão ingressando cada vez mais nesse mercado, sem nenhum tipo de constrangimento. As demais atividades profissionais listadas ainda aparecem com restrições reais tanto dos próprios homens como de suas esposas.

Esses resultados demonstram o “medo” e/ou a “vergonha” das mulheres de terem seus maridos associados a empregos feminilizados, sendo tal temor muito próximo ao demonstrado pelos homens, onde mais uma vez percebe-se que o machismo invisível se encontra ainda disseminado no gênero feminino. Também ressalva-se que, as maiores restrições foram verificadas na menor faixa etária (18 a 29 anos), fato não esperado e preocupante já que as novas gerações vem recebido muito mais informações em relação ao equilíbrio entre gêneros em relação a população mais velha.

Chies (2010) reporta que a entrada em grande escala das mulheres no campo de trabalho traz duas linhas de questionamentos básicos. No decorrer das transformações sociais que levaram as mulheres ao campo de trabalho assalariado foram criadas profissões específicas a elas, ou seja, foram desenvolvidas ocupações que detêm uma porcentagem maior de mulheres e, por vezes, são estereotipadas como femininas. Exemplos, desse caso, podemos visualizar em profissões, em primeira vista, não regulamentadas como bordadeiras, costureiras, babás etc.

A aceitação de mulheres ou de seus maridos em entrar no mercado de trabalho em atividades exercidas atualmente mais por



homens foi avaliada na Questão 5. As mulheres demonstraram maior aceitação em exercer essas profissões em relação à concordância dos homens. A opinião das mulheres demonstrou a seguinte concordância em se capacitar para exercer essas profissões: mecânica de autos (55%), motorista de ônibus (41%), segurança patrimonial (31%), árbitro de futebol (32%) e nenhum dos listados (21%). Já os homens demonstraram a seguinte aceitação em relação as suas esposas: mecânica de autos (30%), motorista de ônibus (32%), segurança patrimonial (35%), árbitro de futebol (30%) e nenhum dos listados (47%). Destaca-se que 47% dos homens não gostariam que suas esposas exercessem essas atividades tidas como “masculinizadas”, enquanto que as mesmas apresentam restrições para 21% das mulheres entrevistadas.

Em trabalho realizado por Belo et al. (2010) na cidade de João Pessoa-PB, foram identificadas, aproximadamente, 80 profissões caracterizadas como femininas e 130 como masculinas, de acordo com os participantes da pesquisa.

## CONCLUSÕES

O machismo invisível relacionado ao exercício profissional está presente tanto em homens como em mulheres.

A segmentação de profissões classificadas como masculinas ou femininas continua existindo na sociedade brasileira, mesmo no segmento populacional de menor faixa etária.

Para a erradicação dos comportamentos e atitudes machistas relacionadas ao exercício profissional são necessárias políticas públicas efetivas e de caráter multidisciplinar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 15-77.

ARRAES, Jarid. 2013. **Uma breve reflexão sobre o papel político da Psicologia**. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questaoodegenero/2013/10/30/uma-breve-reflexao-sobre-o-papel-politico-da-psicologia>. Acesso em: 05 abr. 2014.

BELO, Raquel Pereira; SOUZA, Tâmara Ramalho de; CAMINO, Leoncio. Análise de repertórios discursivos sobre profissões e o sexo: um estudo empírico na cidade de João Pessoa. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 23-31, 2010.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, 2009.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**, número especial, p. 179-200, 1994.

CASTAÑEDA, Marina. **Machismo Invisível**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo, A Girafa Editora. 2006.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 2, p. 507-528, 2010.

CORONEL, Maria Carla Fontana Gaspar. 'Mulheres domésticas': profissionais de segunda classe. **Revista de Direito**, v. 13, n. 17, p. 7-18, 2010.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GALEAZZI, Irene Maria Sassi. Mulheres trabalhadoras: a chefia da família e os condicionantes de gênero. **Revista Mulher e Trabalho**, v. 1, p. 61-68, 2001.

SILVA, Leonardo Rabelo de Matos; OLIVEN, Leonora Roizen Albek. O "doméstico" do doméstico-parte 2: o caso mangueira. In: Encontro Nacional do CONPEDI, 19, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CONPEDI, 1994, p. 8783-8792.





# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)